

Construída a primeira Capela, em 1745, no alto do Morro dos Coqueiros, o desenvolvimento de Aparecida foi lento até 1842, data em que foi criada a Freguesia da Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Com o progressivo aumento das romarias a localidade foi se tornando cada vez mais importante, principalmente no setor religioso, obtendo a sua emancipação política de Guaratinguetá no dia 17 de dezembro de 1928.

Dessa data em diante o progresso de Aparecida foi sempre acentuado, tendo merecido, no dia 4 de julho de 1980, a visita de SS. O Papa João Paulo II, que consagrou a Nova Basílica, no alto do antigo Morro das Pitãs, e que se reflete na águas do rio Paraíba, local do achado da imagem milagrosa de Nossa Senhora Aparecida.

Logo após a bênção da primeira Capela, pelo Padre José Alves Vilela, então vigário de Guaratinguetá, no dia 26 de julho de 1745, a devoção de Nossa Senhora Aparecida espalhou-se e, pela antiga Estrada Real, afluíam numerosos romeiros e peregrinos, viajantes e escritores, deslocando-se Príncipes, sacerdotes, governantes, cientistas e historiadores, que externavam suas impressões por meio de relatos em livros, ou escritos diversos.

Apresentamos algumas descrições envolvendo a Capela, a sua colina, o vasto vale, o rio Paraíba e a serra da Mantiqueira em paisagem de infinito fulgurante e estrelado.

Mas as missões (jesuítas) continuaram sempre por estas paragens e a Anua de 1750 traz, entre outras notícias, a de que se fizera uma em Guaratinguetá, em “uma Capela de N. Sra. da Conceição, que os moradores chamam Aparecida, cuja imagem, recolhida no rio Paraíba, na rede de uns pescadores, primeiro o corpo, e depois, em lugar distante, a cabeça, era de cor azul escuro (caerulei, coloris), mas Clara por muitos milagres que fez”. Conta Padre Serafim Leite, em “A História da Companhia de Jesus no Brasil”.

Em carta para o Vice-Rei do Estado narrando a viagem feita do Rio de Janeiro a São Paulo, o **Capitão-General Martim Lopes Lobo de Saldanha**, recém-nomeado governador da Capitania de São Paulo, diz em resumo o seguinte: “Saiu do Rio de Janeiro a 28 de maio de 1775 e chegou a primeiro de junho em Paraty; subindo a serra, chegou à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Facão, onde assistiu missa, pernoitando em casa de José Alves de Oliveira, posteriormente Capitão-Mor”.

Chegou a Guaratinguetá, no dia 6 de junho, com muita chuva e trovoadas, e não deixou de visitar a Senhora Aparecida, o que fez no dia seguinte, indo pernoitar no mesmo dia em Pindamonhangá.

No dia 13 do mesmo mês, chegou a São Paulo.

A referida carta está em “Documentos Interessantes”.

A fama da Capela de Nossa Senhora Aparecida chegou à Corte de Lisboa e mereceu a consideração oficial de “Lugar Pio”. Foi assim declarada pelo Decreto de Dom João, Príncipe Regente, ainda em Portugal, a 24 de maio de 1803, que somente teve execução em 1809, após a chegada da Família Real ao Brasil e o Príncipe com o título de Dom João VI.

Por ocasião do casamento da arquiduquesa a Senhora Dona Leopoldina D'Áustria com o príncipe real Dom Pedro, depois primeiro imperador do Brasil, os governos da Áustria e da Baviera mandaram para a nossa Pátria dois sábios bávaros: **Carlos Frederico Philippe Von Martius**, botânico, **João Baptista Von Spix**, zoólogo, e o jovem artista austríaco **Tomas Ender**. Chegaram em missão científica e iniciaram viagens através dos nossos sertões.

Estiveram em Aparecida na véspera de Natal, deixando esta página no livro “Viagem pelo Brasil”:

“Após uma milha de marcha, chegámos ao sítio de romarias, Nossa Senhora Aparecida, capela situada num outeiro, cercada de algumas casas. Para o capitão-mór de Guaratinguetá, que aqui residia, havíamos trazido cartas do Rio”. Tecem elogios à maneira fidalga com que foram recebidos pelo capitão-mor, Jerônimo Francisco Guimarães.

“Primeiro que tudo, fizeram-nos visitar a capela. Ela data de setenta anos atrás, época já remota para este país; é só parcialmente construída de pedra e guarnecida com dourados, má pintura a fresco e alguns quadros à óleo. A milagrosa imagem de Nossa Senhora atrai aqui muitos peregrinos de toda a província e de Minas Gerais, :Dessa romarias encontramos diversas, quando na véspera de Natal, seguimos viagem. Aqui, o modo de viajar, tanto para mulheres como para homens, é sempre montado a cavalo, ou em mula; frequentemente, também, o homem leva a mulher atrás, montada na garupa do animal”.

Trazem Tomas Ender a Aparecida.

Tomas Ender, o pintor austríaco nascido em Viena, dedicou-se de preferência à paisagem. Passava o dia ao ar livre e só à noite volvia à cidade.

Foi contemplado com um prêmio, com o qual chamou a atenção do Ministro Príncipe de Metternich e do banqueiro Rothschild. O período vivido por Ender no Brasil foi de 1817 a 1818, pouco mais de um ano, e os seus desenhos são de inestimável valor documental.

No livro “Tomas Ender”, de J. F. de Almeida Prado, lemos:

“Logo ao pé de Guará chegaram ao arraial de Aparecida, num outeiro dominado pela importante igreja do mesmo nome, parcialmente construída de pedra no último quartel do século XVIII. A fama da milagrosa imagem exposta no altar-mór, atraía de longe romeiros, principalmente de Minas, a viajar segundo velhíssimo hábito, o marido trepado no burro e a mulher na garupa, segurando os trastes do casal.”

Ender, em aquarela, pintou a igreja e as casas ao seu redor, intitulando: “Vista da igreja na ‘Capela d’Aparecida’”; “Interior de uma casa em N. Sra. Aparecida”; “Vista geral da Capela de N. Sra. Aparecida vindo de Guaratinguetá”; “Vista feita da Capela de N. Sra. Aparecida, olhando para o Este”; “Vista feita da igreja de N. Sra. Aparecida, olhando para o Oeste”.

Telas de sacrossanto valor para a história aparecidense.

* * *

“Corografia Brasília, ou Relação Histórico-geográfica do Reino do Brasil, composta e dedicada a Sua Majestade Fidelíssima por um Presbítero Secular do Grão-Priorato de Castro, Rio de Janeiro – Imp. Reg. 1817, 2 tomos”.

É no tomo 1 que o **Padre Manuel Aires de Casal** anota a sua passagem por Aparecida, vindo de Guaratinguetá:

“Pouco mais de meia légua arredada fica a famosa e visitada capela de N. Senhora Aparecida”.

No “Diário de Viagem” do pintor francês **Arnaud Julien Pallière**, nos últimos dias de julho de 1821, as páginas contêm indulgência de um bom coração e passagens graciosamente originais:

“Partimos na mesma tarde, quarta-feira, e paramos em N. S. d’Apparecida, a pouca distância de Guaratinguetá...” e desenhou a fachada da Capela N. S. da Aparecida.

Pallière se viu roubado de suas esporas de prata por um cigano, e percorreu toda a vila de Guaratinguetá a fim de tentar comprar um par de esporas de ferro, cobre ou metal. Em Guaratinguetá, na dificuldade de encontrar um bom tropeiro para carregar a bagagem, sendo que a mais pesada eram 2 volumes repletos de tudo que era necessário à pintura, aceitou a oferta de um.

“É impossível ficar mais embaraçado do que eu fiquei à vista de meu novo camarada que cara meu Deus jamais vi algo mais assustador, mas necessitado não pude recuar ou eu ficava ou aceitava o que Deus ou o diabo me tinham enviado, resolvi-me e resignei-me, porém andando bem armado – e o ponto da primeira parada era em N. S. d’Apparecida, onde Pallière desenha – mas eu queria ir para a estrada a fim de saber como se sairia meu novo guia, mas qual foi minha surpresa ao encontrar nesse homem horrível a criatura mais gentil, mais paciente, mais cumpridora de seus deveres que conheci em minha vida.”

E Pallière continua em viagem, talvez sentindo saudade do seu guia, contando o itinerário em “Mon Voyage dans les mines générales, de la Cape. do Rio de Janeiro em 1821”.

* * *

Natural de Orleans, na França, **Auguste de Saint-Hilaire** esteve no Brasil de 1816 a 1822, percorrendo províncias sulinas e centro meridionais.

Era membro da Academia de Ciência e botânico renomado.

Os viajantes observaram as passagens.

Saint-Hilaire, escrevendo “Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo”, cita, no dia 24 de março de 1822, que o caminho desde Guaratinguetá é verdadeiramente magnífico e a região tão plana que se viajaria, sem dificuldade, numa berlinda.

“A uma légua pequena de Guaratinguetá, passamos em frente à capela de N. S. da Aparecida. A imagem que ali se adota, passa por milagrosa e goza de grande reputação, não só na região como nas partes mais longínquas do Brasil.

Aqui vem ter gente, dizem, de Minas Gerais e Bahia, cumprir promessas feitas a N. Senhora da Aparecida. A igreja está construída no alto de uma colina. Descortina-se região alegre, coberta de mata pouco elevada. O Paraíba ali descreve elegantes sinuosidades, e o horizonte é limitado pela alta cordilheira da Mantiqueira.”

No dia 20 de abril Saint-Hilaire volta novamente a Aparecida, apreciando a vista que já descreveu.

Foi ver o Capitão-mor da vila de Guaratinguetá, que mora perto da igreja de Nossa Senhora, e começou por lhe apresentar a portaria do governo de São Paulo.

Os viajantes da estrada real quase sempre eram portadores de cartas de apresentação dos ricos para os ricos e passaportes especiais dos poderosos para os poderosos, e se preocupavam com o pouso na Vila seguinte e com o seu tropeiro e guia.

Apresento mais um guia; chama-se José e pertence a Saint-Hilaire.

Em uma Vila do Vale do Paraíba, havia penúria de víveres.

- Já que vocês não têm feijão, nem toucinho, nem farinha, que comem então? – perguntou José a alguns habitantes da Vila. Responderam-lhe que viviam de bananas, goiabas e peixe, quando podiam pescar. Como ao lhe contestarem, ficaram todos espantados da pergunta.

* * *

A Missão Artística Francesa chegou ao Rio de Janeiro no dia 26 de março de 1816, para a criação de uma Academia Real de Ciências e de Artes, com decreto no dia 12 de agosto de 1816.

O Marquês de Marialva, Embaixador do Brasil em Paris, contratou diversos artistas – entre os artistas incluíram-se o pintor **Debret**, o paisagista e miniaturista **Nicolau Antonio de Taunay** e outros.

Jean Baptista Debret, em 1827, percorreu as Vilas da nossa região, deixando um documentário iconográfico.

Martius encontrou na Capela vários romeiros e foram esses mesmos pagadores de promessa que Debret retratou na sua “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, pintando o quadro “Nossa Senhora Aparecida”, que traduz o sentimento da fé cristã.

Na porta da capela, o devoto depositando óbulo no cofre, outro devoto ajoelha-se conrito nos degraus; pinta animais descarregados de uma tropa e mais outros animais subindo o morro lateral direito, transportando romeiros; na ladeira principal está a Sinhasinha na rede, levada por escravos, e, na frente, piedosa senhora com um maço de velas.

Um historiador do Vale do Paraíba, Carlos Eugênio Marcondes de Moura, de tradicional família de Guaratinguetá, em seu livro “O Visconde de Guaratinguetá: um titular do café no Vale do Paraíba”, traça a biografia do Visconde, **Francisco de Assis e Oliveira Borges**.

“O Negociante e Fazendeiro Assis Borges, do Pátio da Capela da Aparecida”, é o capítulo III, e mais dados são apresentados.

“Os censos do ano de 1829 listam no fogo nº 1 da Capela da Aparecida o morador Alferes Francisco de Assis e Oliveira Borges, negociante de fazenda e também proprietário de terras, trabalhadas por nove escravos, que colheram modestas 30 arrobas de café, vendidas no município. Além da patente de alferes das ordenanças, que na ausência de um capitão lhe confere suprema autoridade militar sobre o bairro da Capela, fora nomeado pela Câmara fiscal dos caminhos e encarregado de sua conservação.

Assis Borges, com renda anual de dois contos, pode ser considerado um dos mais ricos proprietários de toda a Capela.”

O **Marechal Daniel Pedro Muller**, nasceu no mar, filho de alemães, educado em Portugal, com boa formação técnica e humanística.

Freqüentou, como cadete de Artilharia, o Real Colégio dos Nobres e, chegando a Piratininga em 1802, como ajudante de ordens do Capitão-General Antonio de França e Horta, integrou-se na História de São Paulo. Era insigne, tinha a feliz idéia da arborização dos caminhos e sua preocupação era a falta de recenseamento da sua população. Apresentou seus estudos em diversas áreas na publicação: “Ensaio D’Um Quadro Estatístico da Província de São Paulo”, editado em 1838. Ali Marechal Muller anota:

“A uma légua da dicta – Guaratinguetá – na estrada que segue para São Paulo, fica a freqüentada Capella de N. S. da Aparecida, seguindo: Divisão dos Districtos de Paz. Todo o município se divide em: 1º Districto tem 18 Quarteiroens – 2º Districto Capella N. S. da Aparecida 5”.

Miguel Archanjo Benício da Assunção Dutra – pintor, organista, nasceu em Itu, Estado de São Paulo.

Em 1847, pinta a igreja e no quadro escreve: “Na Capella da Senhora Aparecida, 5 legoas adiante...”

Seus desenhos apresentam traços firmes e incisivos.

As suas telas são vistas no Museu Paulista e no Museu Republicano de Itu.

A Doutora Carlota Pereira de Queiroz, médica e Deputada, anotou a vida de “Um fazendeiro paulista no século XIX”, declarando: “Em 1854, o templo passa por ampliação e remodelação”, pois Manuel Elpídio Pereira de Queiroz, que então o visitou, fala do “rico frontispício de pedras, com suas competentes torres”. O templo era a igreja de Aparecida.

* * *

Natural de Portugal, poeta, escritor, jornalista, **Augusto Emilio Zaluar**, com lirismo e história, se encanta pelo Vale do Paraíba e outras regiões.

“Peregrinação pela Província de São Paulo”, ano 1860, é a narração do que o autor contempla.

Em Aparecida, o sentimento religioso o sensibiliza.

“A fama da milagrosa Virgem espalhou-se de tal forma e chegou a tão longínquas paragens, que dos sertões de Minas, dos confins de Cuiabá e do extremo do Rio Grande, vêm todos os anos piedosas romarias.

As paredes da Capela quase que não têm já lugar para as figuras de cera, troncos, cabeça, braços, pernas e mãos de todos os tamanhos ao lado de numerosos painéis.”

Emílio Zaluar foi informado na Capela de Nossa Senhora da Aparecida “que será dada uma aplicação meritória ao produto das esmolas, na edificação de um templo de mais vastas proporções, que irá também dar mais importância ao lugar que já é hoje uma bonita aldeia.”

A Família Imperial Brasileira dedica grande devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Antigamente, além do Padroado da coroa, que de um modo geral abrangia todo o território português, havia alguns Padroados à diversas igrejas. E Nossa Senhora, Maria, era cultuada pela Família Real.

Nos “Ecos Marianos” de 1964, fiz referências à Princesa Isabel em Aparecida e, neste artigo, as suas visitas à Capela.

Em “Excursão à Província de São Paulo”, **Isabel, Condessa D’Eu**, há as efemérides de todas as viagens do **Conde D’Eu** à província de São Paulo.

A Princesa Imperial do Brasil esteve em Aparecida duas vezes: 1868 e 1884.

1868 – Regressando com a Princesa Imperial Da. Isabel, de Águas Virtuosas de Campanha, em Minas Gerais, onde foram fazer uso das águas, visitam, a 8 de dezembro, após etapas em vilas paulistas, a então Capela da milagrosa N. S. da Aparecida, feita padroeira do Império por D. Pedro I (Revista Anhembi – junho – 1957).

No “Santuário de Aparecida” de 10 de dezembro de 1921:

“Dona Isabel, devota de Nossa Senhora Aparecida”

“Corria o ano de 1868, quando dois ilustres romeiros vieram visitar a Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida

A velha Capela, situada no alto do pitoresco Morro dos Coqueiros, revestiu-se de uma nova pintura, começada em 20 de julho de 1867, terminada em 2 de dezembro de 1868.”

Na inauguração da Estrada de Ferro São Paulo e Rio de Janeiro, em 1877, o Conde D’Eu voltou ao Vale com numerosa comitiva; o trem era aguardado nas Estações com bandas de música.

Houve pequena parada em Aparecida e o Conde D’Eu, acompanhado do Visconde de Guaratinguetá, dirigiu-se à Capela onde foi celebrado *Te Deum*.

Os **Imperadores, Dom Pedro II e Dona Thereza Christina**, estiveram no Vale do Paraíba, pela primeira vez, em outubro de 1878. Em Guaratinguetá a Imperatriz desejava visitar a Capela de Aparecida. “S. Magestade o Imperador respondeu que em outra excursão lá irião”, narra o Visconde de Guaratinguetá em carta ao Conde D’Eu... “e eu senti que S. Magestade lá não fosse para ver o estado de adiantamento em que vai aquela importante obra, que acabada deverá chamar aquele templo o brinco de toda a Província de São Paulo. Eu tinha mandado armar a Igreja e tudo estava disposto para a recepção imperial”.

Historiador nato, no convívio com documentos antigos da Secretaria do governo, **Manuel Eufrásio de Azevedo Marques**, no ano de 1879, com probidade e exatidão, compôs “Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo.” A pedido de sua viúva, Dom Pedro II providenciou a edição do livro.

“Aparecida – Senhora da Conceição, Arraial e Capela, situados a três quartos de légua ou 4 quilômetros a Sudoeste da cidade de Guaratinguetá. As paredes da Capela (que é decente e bem construída) já não tem espaço para as figuras de cera, troncos, cabeças, braços, pernas e mãos de diversos tamanhos e feitios”.

* * *

Carl Von Koscritz, natural da Alemanha, cientista, literato e político, em 1883, fixou sua impressão sobre o Vale do Paraíba, no livro “Imagens do Brasil”.

Vindo de trem do Rio de Janeiro para São Paulo, conta:

“Passados poucos minutos se chega ao povoado de Aparecida, onde também se pára. Ali se acha como monumento mais importante, a grande e velha igreja. Estamos aqui em plena região dos campos e em certos pontos-de-vista até as minhas filhas acharam semelhança com o trajeto cortado pela Estrada de Ferro Leopoldense.”

No Diário de **Isabel, Condessa D’Eu**:

“Excursão à Província de São Paulo – no dia 6 de novembro de 1884.

Partida às 11 horas, Parada em Guaratinguetá; parada para subir à Capela de Nossa Senhora da Aparecida, fazer oração; parada em Pindamonhangaba e em Taubaté.” (2ª viagem – Revista Anhembi – maio – 1957)

Em correspondência a seu pai, o Duque de Nemour, o Conde D’Eu relata sua impressão de Aparecida: “A Capela está em uma situação muito pitoresca, em um contraforte da montanha que domina o vale por onde desliza o Paraíba.”

No dia 28 de novembro de 1962, fomos à Redação do jornal “**Correio Paulistano**”, em São Paulo, em companhia de Vicente Camargo, para uma transcrição do referido jornal dos dias 5, 6 e 8 de janeiro de 1884, sobre artigos relativos à Capela de Aparecida.

São grandes e cheias de interesse as descrições e escrevo o essencial:

“Destas cousas ia eu cogitando pela ladeira acima que leva da Estação de Aparecida ao alto do outeiro onde está a Capela da Senhora daquela invocação.”

É raro o dia em que não sobem romeiros o morrinho afamado pelos milagres de Nossa Senhora da Aparecida.

“Antigamente as romarias à Capela da Aparecida tinham muito de pitoresco; eram as famílias que se moviam lentamente com os filhos pequenos, os pagens, os camaradas, as mucamas, e o armazém

ambulante às costas da cargueirada. Havia os atoleiros que transpor, as pontes esburacadas, os ribeirões transbordantes, com sem numerosos de precipícios por toda a fita sinuosa das estradas reais.”

Após a descrição da paisagem o articulista continua:

“O templo de Aparecida tem uma fachada elegante e bem pode cotejar-se em beleza com as matrizes das cidades vizinhas.

As paredes da nave estão completamente cobertas de milagres. Pendendo de uma trave do coro está uma gargalheira de ferro unida a grossa corrente. Contam que um escravo fugido, depois de atravessar impervias matta chegara naquela paragem, assim acorrentado fez oração à Virgem, cahiram repentinamente os grilhões que o prendiam.

Ao romeiro, negociantes e menores que exercem a mascateação das cousas santas, oferecem medalhões com a photographia da Capella”.

O negociante francês **Mr. Robin e Fravreau** parece ser o primeiro fotógrafo que tirou vistas da Capella e os citados verdadeiros retratos de Nossa Senhora.

A tenda de Mr. Robin é cousa digna de ver-se.”

No jornal do dia 6, outro articulista oferece o seguinte aos leitores do “Correio Paulistano”.

“O velho templo que conta apenas 76 palmos de fundo, sobre 32 de largura, está prestes a ser substituído por outro que conta 80 palmos de largura e 120 de fundo, repartido em 3 naves, sustentadas por dez arcadas, fechadas por outras tantas abóbodas de tijolos.”

Tece mais considerações: “A nova Capella-mor do templo de Nossa Senhora Aparecida tem a mesma sumptuosidade e esplendor do corpo da igreja acima descrito.

E pois, quem hoje visita toda essa parte concluída da nova igreja de Nossa Senhora Aparecida; quem examina cuidadosamente o bem acabado das talhas e sobretudo o sumptuosíssimo retábulo de mármore que veio expressamente da Itália para a nova Capella de Nossa Senhora Aparecida, retábulo que conta 51 palmos, em sua maior altura e consta de 4 soberbas columnas coríntias sobre cujos capitéis assentam as figuras de Fé, Esperança, Caridade e Justiça, todas de mármore finíssimo e de tamanho quase natural; quem em uma palavra, souber que toda essa *machina* gigantesca assenta sobre riquíssimo presbyterio de mármore de cores diversas...”

No “Almanach do Estado de São Paulo para 1890,” **Jorge Seckler**, tipógrafo, natural da Alemanha, escreveu o seguinte:

“Esta povoação dista 6 kilometros mais ou menos ao sul da cidade de Guaratinguetá, tendo Estação da Estrada de Ferro e possuindo um dos melhores Templos da Província.”

Era Capelão o Cônego Joaquim de Monte Carmelo; sacristão, Luiz Cesário de Castro; chaveiro, Antonio Luiz de Andrade; Tesoureiro dos Bens de Nossa Senhora Aparecida, Francisco Augusto dos Santos Velho e Escrivão de Capela, Francisco Vieira da Silva.

O povoado de Aparecida apresentava, nesse ano, o seguinte desenvolvimento: subdelegado de Polícia, com três suplentes, um escrivão de Polícia, um agente do Correio, quatro lojas de Armazém, seis Hotéis, doze negociantes de Molhados, um fiscal da Câmara de Guaratinguetá, e mais.

Canuto Thorman, tipógrafo, natural da Alemanha.

No “Completo Almanach do Estado de São Paulo para 1896”, escreveu: “Distrito de Aparecida, pela Lei numero 19 de 4 de março de 1842, onde havia doze lojas de Armazéns, cinco casas de pasto, três hospedarias, quatro Hotéis, uma Farmácia, dois fotógrafos (Jeronymo Bessa e Victor Sambonha), um jornal intitulado “Folha da Aparecida” e cita ainda os jornais publicados: “Horizonte”, 1884, “Voz da Aparecida”, 1888, “Luz da Aparecida”, 1894 e “Estrela da Aparecida”, 1894.

Em dezembro de 1897, no “Livro dos Romeiros”, 1º Número 1º Ano – O Diretor **Servulo Gonçalves** menciona a “Capela Santuário d’Aparecida”:

“A poucos kilometros da importante cidade de Guaratinguetá, n’uma graciosa colina eleva-se a grande Igreja levantada pela fé catholica a N. S. d’Aparecida e ao redor espalha-se uma linda e pitoresca casaria, onde vive agglomerada uma população activa que se entrega a diversos labores da industria humana.

A direção do Santuário está entregue aos virtuosíssimos Padres da Ordem dos Redemptoristas, que aqui têm dado o mais brilhante exemplo de vida evangélica.”

Apresentamos algumas descrições envolvendo a Capela, o culto a Nossa Senhora Aparecida, as romarias, as promessas, a sua colina, o vasto vale, o rio Paraíba, a serra da Mantiqueira em paisagem de infinito fulgurante e estrelado.